

O Papa Francisco, de forma autorizada e com grande frequência, fala da necessidade de viver a sinodalidade na igreja de hoje. A seu ver, viver e instaurar a sinodalidade na igreja não é só a urgência maior, mas precisamente da prática da sinodalidade depende o futuro da igreja e o remédio para muitas patologias que hoje se mostram devastadoras e dolorosas. E para nós missionários pode ser verdadeiramente uma grande oportunidade e ponte que ajuda e liga as Igrejas do Sul com as do Norte.

Depois do Concílio Vaticano II estávamos habitados a falar de «colegialidade» episcopal e presbiteral, ao passo que o termo «sinodalidade» raramente estava presente na linguagem eclesial católica. E quando se evocava a sinodalidade, era em referimento às instituições das igrejas orientais-ortodoxas, indicando com o termo «sínodo-sinodalidade» a forma de governo. É significativo que nos anos de passagem entre os dois milénios tenha sido delineado e apresentado primeiro a João Paulo II e depois a Bento XVI um projecto para um sínodo permanente que estivesse ao lado do bispo de Roma, para o acompanhar no seu ministério petrino de solicitude por todas as igrejas. Este projecto foi elaborado por alguns de entre os maiores teólogos e eclesiólogos e foi levado à atenção dos dois papas com grande esperança. É assim que o sínodo era pensado e desejado, qual renovação da forma de governo da igreja. Mas foi o Papa Francisco que o impulsionou, defendeu e vigorosamente quis para uma mudança na Igreja.

Trata-se, portanto, de saber ler e escutar a realidade com as suas inatendidas criticidades. Escutar torna-se, portanto, escutar-se um ao outro, na vontade de aprender alguma coisa do outro e de acolher-se reciprocamente: a escuta de todos, membros fortes ou fracos, justos ou pecadores, inteligentes ou simples, homens ou mulheres, é uma confissão prática e uma celebração da unidade dos baptizados em Cristo. Todos têm a mesma dignidade de filhos e filhas de Deus e por isso de irmãos e irmãs de Jesus Cristo: «um só corpo, um só espírito, uma só vocação» (cf. Ef 4,4), uma única comunhão eclesial! A igreja é uma fraternidade (adelphotes: 1Pe 2, 17; 5, 9), os cristãos são «pedras vivas do edifício espiritual» (1Pe 2, 5) que é a igreja e em cada um deles está presente o Espírito Santo, aquele «faro» – diz o Papa Francisco – que os habilita a narrar as maravilhas realizadas pelo Senhor, a reconhecer a sua acção e a viver a própria existência como dinâmica do Reino.

Comunidade profética, sacerdotal e real, a igreja nutre-se da corresponsabilidade de todos, na pluralidade dos dons e dos ministérios doados pelo Espírito Santo a cada um. O caminho sinodal é o caminho desta realidade que quer percorrer o mesmo caminho, permanecer unida numa comunhão real, para atingir a mesma meta: o reino de Deus. Tomar a palavra é, portanto, essencial na vida da igreja, porque significa comunicar, entrar num confronto, num diálogo que plasma quantos se escutam reciprocamente e cria neles solidariedade e corresponsabilidade. Assim a sinodalidade é geradora de uma consciência eclesial, de uma fé pensada e motivada que torna cada baptizado protagonista da vida e da missão da igreja.

Discernir e deliberar é um acto eclesial, inspirado pela palavra de Deus, fruto da leitura dos sinais dos tempos, gerado por uma escuta e por um confronto fraterno que necessita do concurso de ca-

da um e de todos para atingir e elaborar e decidir juntos aquilo que em seguida é deliberado pela autoridade pastoral, a qual não pode prescindir do contributo dos diversos ministérios e carismas eclesiais. A sinodalidade não se esgota por isso num evento celebrado (um sínodo) mas deve mostrar-se qual estilo quotidiano da igreja: caminhar juntos, pastores e povo de Deus, no peregrinar que a igreja toda realiza em direcção ao Reino.

Pôr em marcha processos sinodais na igreja, nos institutos, nas comunidades religiosas e paroquiais é não só urgente, mas também decisivo, para impedir uma situação de comunidades cristãs e religiosas desfiadas que não sentem mais a comunhão na igreja local e na igreja católica, universal e na comunidade fraterna.

Mas sejamos claro: nesta compreensão, um sínodo não pode ser uma assembleia reservada aos «quadros», à hierarquia, a quantos estão à frente de grupos ou instituições, mas é uma assembleia dos baptizados em que cada um e todos devem ser escutados, devem confrontar-se no diálogo que não exclui os conflitos, devem encontrar convergências na caridade fraterna eclesial, devem produzir uma deliberação à qual obedecer

Bibliografia

Coda, P. – Repore, R. (a cura di). (2019). *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa. Commento a più voci del Documento della Commissione Teologica Internazionale*, Bologna: EDB.

Commissione Teologica Internazionale. (2018). *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*, Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana.

Franclisco (2018). *Episcopalis communio. Costituzione apostolica sul sinodo dei vescovi*.

Spadaro, A. – Galli, C. (2018). La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa, in *La Civiltà Cattolica*, Quaderno 4039, pp. 55-70.